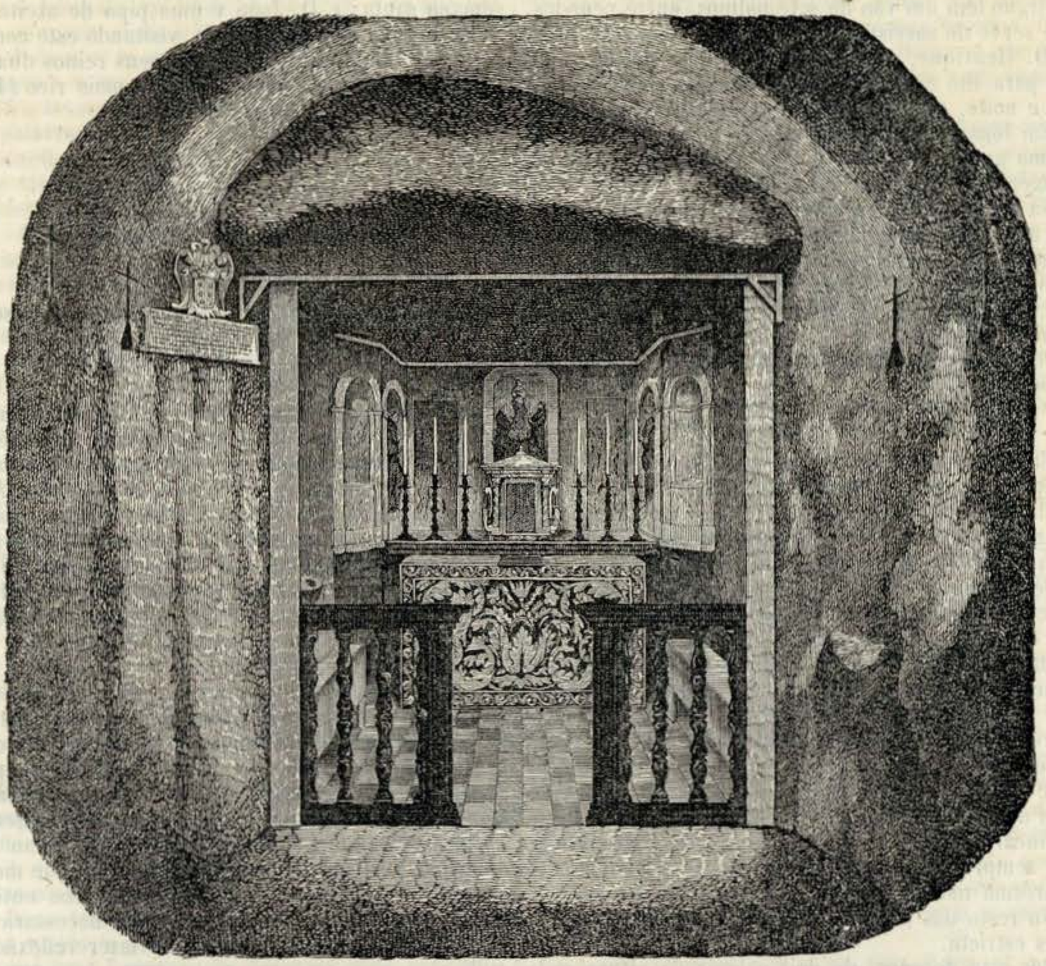


Egreja do convento dos capuchos na serra de Cintra. — Desenho de Nogueira da Silva. — Gravura de Coelho.

Quem sáe de Cintra pela bella estrada de Collares, passante Sitiaes, Penha-Verde, e Monserrate, toma logo á esquerda pelas devezas da serra, se quer ir aos capuchos. A subida não é perigosa. De espaço a espaço sobre as cristas dos rochedos que se mostram mais salientes se descobrem grandes cruzes de pedra que servem de guia e demarcação. No mais alto e no meio da serra, n'um ermo entre mattos e grandes massas de penedos sobrepostos, é que está o pobrissimo conventinho arrabido de Santa-Cruz.

Foi o grande D. João de Castro o quarto viso-rei da India, que mandou a seu filho D. Alvaro de Castro, que, se recebesse dos reis alguma gratidão dos seus serviços, d'esse premio edificasse na serra de Cintra esta recoleição de franciscanos.

Só doze annos depois da morte do heroe portuguez, pôde seu filho cumprir, em 1560, o mandamento paterno. N'aquella lapida marmorea que á esquerda da estampa, que tendes diante dos olhos, está embutida no alto da parede, ledes n'estes breves termos a memoria d'esta fundação:

D. ALVARO DE CASTRO, DO CONS.º DESTADO, E VEDOR DA FAZ.ª DELREY D. SEBASTIÃO FVNDOV ESTE CONVENTO, POR MANDADO DO VISOREY. D. IOÃO DE CASTRO SEV PAY ANNO 1560: O PADROADO HE DOS SVCESSORES DE SVA CASA: O ALTAR DESTA IGR.ª HE PRIVILEGIADO TODOS OS DIAS AQUALQUER SACERDOTE, QVE NELLE CELEBRAR. TODAS ASPESSOAS, QVE CONTRITAS E CONFESSADAS OV CÕ PROPOSITO DE SE CONFESSAR VISITAREM ESTA IGR.ª NA FESTA DA INVENÇÃO DA S. CRVS, DESDAS PRIMEIRAS VESPORAS ATE OSOL POSTO DO DIA, E ROGAREM A DEOS POLA PAZ ENTRE OSPRINCIPES E CHRISTÃOS, EXTIRPAÇÃO DAS HERESIAS, EXALTAÇÃO DA S. MADRE IGR.ª, E POLA ALMÃ DE D. IOAO DE CASTRO, GANHÃO INDVLG.ª PLEN.ª E REMISSÃO DESEVS PECCADOS. ESTAS INDVLG.ªˢ CÕCEDEO O PAPA PIO 4º ANNO DE 1564 A INSTANCIA DOMESMO. D. ALVARO DE-CASTRO, SENDO EMBAIX.ºʳ Ẽ ROMA.

Da humildade da primeira fundação, bem se pôde julgar pelo que agora é, e por não ter custado mais de cem cruzados.

Quem no dia da invenção da Santa-Cruz rogasse por alma de D. João de Castro, alcançava indulgencia plenaria, pela concessão que D. Alvaro, quando foi embaixador ao papa Paulo IV, d'elle obteve.

D. Francisco de Castro, filho de D. Álvaro, bispo da Guarda, e inquisidor geral, deixou duzentos mil réis de juro para reparos do conventinho, e da sua quinta da serra, commettendo a administração d'este legado á misericordia da villa de Cintra.

Por uma abertura praticada debaixo de um penedo, se entra da serra para um terreiro, que antecede ao alpendre e portaria do convento. Á esquerda ha uma fonte e assentos sombreados por algumas arvores. Na mesa de pedra que tem defronte, dizem que o rei D. Sebastião tomava refeição quando alli ía. Aquella agua rega a cêrca e a horta, que são pequenas. No fim do pequeno terreiro, e ao fundo, debaixo do alpendre, ha a porta da egrejinha: immediata a ella, e no muro da esquerda, a portaria do convento: a um e outro lado, no primeiro plano, duas portas de dois confissionarios com suas capellinhas. Na portaria um chocalho suspenso de uma vide servia de sino para chamar o porteiro.

Ao entrar na portaria ha um pequeno, escuro, e como subterraneo corredor de oito palmos de comprido e cinco de largo, aberto entre toscos penedos, e dando para outro terraço mais pequeno, a que cha-

mavam jardim, com um pequeno tanque no meio; e em logar mais eminente, uma ermida em que se venera a imagem de Christo com a cruz ás costas: contiguo tem um vão de sete palmos, entre penedos, que serve de sacristia, tudo feito pelo cardeal infante D. Henrique, uma para n'ella dizer missa, e outro para lhe servir como de cella, e n'ella habitar dia e noite, quando procurava este sitio para retiro.

Em logar mais elevado da cêrca, na ermida feita n'uma gruta formada por dois penedos, se venera a imagem de Christo crucificado.

Na mesma cêrca, n'uma das extremidades se mostra uma cova onde, dizem, que pelo espaço de trinta annos viveu em aspera penitencia um beato, por nome Honorio, morrendo em 1596 com noventa e cinco annos de edade. Quem vê o logar difficilmente o crê!

Por cima d'esta cova está gravada a seguinte inscripção:

Hic Honorius vitam finivit;
Et ideo cum Deo in cœlis revivit.

Entremos agora no convento. Tem um só dormitorio, cujo corredor mede quarenta palmos de comprido e tres de largo. Se n'elle se encontravam dois religiosos, para que um passasse recolhia o outro a alguma cella. As cellas são tão exiguas, que mais pódem chamar-se sepulturas de homens vivos. As paredes que as dividem são de barro e palha, forradas de cortiça, assim como as portas, (que uma estatura meã não póde transpôr sem grande constrangimento). O mesmo forro tem quasi todo o edificio, por causa do frio e da humidade, d'onde vem chamarem-lhe vulgarmente *convento da cortiça*. O refeitorio não tem mais de quatorze palmos de comprido e sete de largo: a mesa é uma pedra tosca, levantada do chão um palmo, e mandada para aquelle fim arrancar na serra pelo cardeal infante. Guardava-se alli sempre abstinencia de carne, e no advento e quaresma não se comia cousa que fosse ao lume.

No resto das officinas reinava tambem a pobreza mais estricta.

Por sete degráos, de dois palmos de altura cada um, se descia do dormitorio para o côro; e d'este para a egrejinha, que mal póde conter vinte pessoas, por uma abertura feita na rocha do lado do evangelho.

A egreja, vista da porta d'entrada, é qual fielmente a representa a nossa estampa. Da porta até á grade que divide a capella mór, mede dezoito palmos: na largura tem treze. É de abobada, e as paredes de calhãos que alli produziu a natureza. Das grades ao altar vão doze palmos: este vão era a antiga lapa, á qual a mesma rocha serve de tecto. O altar é de pedra polida: n'elle e nos nichos estavam as imagens do Menino Jesus e varios santos. Em cima do sacrario havia um Santo Christo de marfim, dadiva do bispo do Porto D. Rodrigo da Cunha. No sacrario havia uma cruz de prata dourada, com um Santo-Lenho, que o fundador D. Alvaro trouxera de Roma; e do lado da epistola um painel com o retrato do beato Honorio, que está sepultado na egreja. Da parte de fóra d'ella, junto á porta, tambem está sepultado frei Christovão de S. José. Alli está egualmente enterrada D. Maria de Noronha, que viuvára na flor dos annos do terceiro padroeiro D. Alvaro de Castro, e rejeitára propostas de muitas allianças nobres, porque, dizem, fizera voto de castidade. Frequentava muitas vezes em vida aquella casa. Falleceu em 1684.

Além das esmolas da familia padroeira, o duque de Bragança, depois rei D. João IV, proveu que todos os annos o almoxarifado de Cascaes désse a este convento seis duzias de pescadas, outros tantos cações seccos, e o peixe que fosse necessario para jantar um pouco mais lauto na festa de S. Francisco. Sua mulher D. Luiza lhe mandava todos os annos um moio de trigo e uma arroba de cera lavrada: D. Pedro II outra tanta cera para o sepulchro da semana santa: e D. João V uma pipa de azeite.

De Filippe II se conta, que, visitando este conventinho, se vangloriára de ter nos seus reinos duas tão celebres cousas, como o convento mais rico (Escurial), e o convento mais pobre (este).

REINADO DE D. AFFONSO VI.

(Fragmentos).

DESGRAÇA DO SECRETARIO D'ESTADO ANTONIO DE SOUZA DE MACEDO.

(Conclusão).

Agora não será sem algum interesse, ainda que pareça prolixidade, ouvir da sua parte o secretario d'estado, Antonio de Souza de Macedo, contar a seu modo a entrevista que tivera com a rainha. Ajuntâmos á sua relação algumas observações correspondentes aos reclamos que vão notados no texto; observações que mão contemporanea, e pessoa do partido da rainha, talvez por seu mandado, fez, e lemos no traslado que temos á vista, e pertenceu á bibliotheca estrangeira do marquez de Fortia.

Ouçamos Antonio de Souza.

« Pela noticia que me chegou, [1] de que v. m. mostrára haver ficado com algum descontentamento da ultima vez que tive a honra de lhe fallar, dei conta a el-rei nosso senhor do grande sentimento que é força que isto me cause, e foi servido responder-me, que a minha culpa ou desculpa [2] havia de nascer de v. m., pelo que a v. m. devia recorrer, como faço, referindo a v. m. muito humildemente o que me parece que passou, para que v. m. com seu entendimento e justiça [3] e clemencia, sendo necessario valer-me d'ella, me faça mercê de fazer reflexão em tudo.

« Fui ao quarto de v. m., e pedi á marqueza camareira-mór entregasse a v. m. uma carta que lhe levei, e dizia no sobrescripto ser da camara de Angola: a camareira-mór lh'a levou a v. m., e tornou a dizer-me que esperasse, porque v. m. me queria fallar.

« Passado pouco espaço me mandou v. m. entrar, e me disse que lhe haviam dito que o almocreve que matára o francez estava condemnado á morte. Respondi, que não sabia mais, senão haver-se mandado a Coimbra fazer a diligencia da immunidade da egreja, do que se dera noticia a v. m., e que eu escrevêra ao juiz de fóra sabbado passado encommendando-lhe a brevidade. Tornou v. m. a dizer que lhe haviam dito que estava sentenciado: respondi que o não sabia, mas que duvidava muito que se sentenciasse antes de vir a dita diligencia feita.

« Passou v. m. a perguntar-me em que termos estava a consulta que viera do desembargo do paço, sobre o negocio do conde de Santa-Cruz: respondi, que s. m. a mandava ver no conselho d'estado. Disse eu, que como a decisão do ponto havia de ficar por lei, costumavam similhantes cousas ir ao conselho d'estado.

« Disse v. m. que isso seria no que pertencia á casa de s. m., mas não á sua. Tornei a dizer, que como uma e outra se regulava egualmente, tambem convinha ver-se o que lhe tocava no mesmo conselho. Não se satisfez v. m. d'esta razão, e disse que podia regular a sua casa como lhe parecesse, e aquelle negocio não fôra ao desembargo do paço senão porque v. m. o mandára; e perguntou-me como vinha a consulta. Respondi que eu com a pressa de outros

negocios a não lêra toda, porque muitos papeis não vejo senão quando se despacham, mas que por curiosidade a passára pelos olhos, e me parecia que vinha em favor do conde de Santa-Cruz, mas que não sabia se trazia alguma particularidade: que eu a veria e diria a v. m. mais ao certo o que continha, ou a levaria a v. m., se v. m. quizesse. Respondeu-me, que lh'a levasse, e logo tornou a mostrar com algumas palavras, que não gostava que a consulta fosse ao conselho d'estado, mas que queria resolvel-a com o que vinha do paço. Eu disse sobre isto que, se v. m. queria que eu dissesse alguma cousa a s. m., o faria. Respondeu-me v. m., que não queria que eu dissesse cousa alguma a s. m., *nem ao conde*, ou se disse *nem a outra pessoa*, mas de qualquer modo que dissesse entendi eu, que v. m. fallava pelo conde de Castelmelhor, e respondi que eu só fallava em s. m. e não em outra pessoa. [4]

« Logo v. m. sobre dizer, que não queria que eu dissesse, acrescentou, que não se fazia caso de suas cousas, nem de seu gosto, nem da sua auctoridade, e n'isto se alargou v. m. com muitas palavras, todas n'esta substancia.

« Disse eu [5], que v. m. me fazia grande honra em me achar capaz de me communicar aquellas cousas; que lhe pedia me apontasse alguns casos [6] em particular, para que eu visse se podia responder de modo que v. m. ficasse satisfeita, porque ao que v. m. dizia em geral não podia eu responder senão tambem geralmente; que entendia que todos não desejavam outra cousa, que dar-lhe gosto, e respeitar v. m. com a veneração devida, e que este era o gosto de s. m., a que se devia obedecer por todas as razões.

« Disse v. m. que em muitas cousas se via o pouco respeitò que se lhe tinha, e que em primeiro logar morria de fome, e não tinha um real para gastar, e que outras tinham muito dinheiro e faziam muitas obras. Respondi, que a rainha nossa senhora, que Deus tem, com menos renda tinha uma casa muito luzida, e fizera muitas obras; que visse v. m. se a sua casa [7] regrava as despezas como convinha.

« Respondeu [8] v. m., que a sua casa era muito bem regrada. Disse, que eu não dizia outra cousa, mas que sómente por seu serviço advertia, que as faltas que v. m. dizia, podia ser que nascessem d'isto: que as mandasse v. m. ver por quem fosse servida, porque, se se achasse que não tinha renda bastante, s. m. não havia de permittir que lhe faltasse.

« Respondeu v. m., que se lhe tinham mandado dar mais vinte mil cruzados, de que ainda não tinha cobrado cousa alguma.

« Tornei a responder, que como aquella consignação era nova, sempre havia algumas difficuldades no modo de se assentar, mas que sem duvida se daria logo.

« D'aqui não sei como passou v. m. a dizer que se lhe não dava conta de cousa alguma.

« Tornei a repetir o desejo que todos tinham de obedecerem e agradarem a v. m., e como s. m. só isto queria; e que entendia se lhe dava conta a v. m. de todas as cousas grandes, que as pequenas não serviam mais que de molestia.

« Disse v. m., que lhe não deram conta da vinda do duque de Cadaval. [9]

« Respondi que d'isso não podia dar razão a v. m., porque fôra cousa que s. m. fizera.

« Disse v. m., não sei se n'este logar, se em outro, que os tempos passados lhe fallavam algumas pessoas em petições, e que v. m. se desviava com alguns disfarces de entrar em negocios; porém que já hoje não podia disfarçar, e dizia claramente que não tinha poder algum. Disse eu que v. m. podia fallar a s. m. no que quizesse, porque era certo que em tudo o que fosse de graça havia s. m. de deferir á sua vontade, como era razão; e que qualquer ministro que entendesse o gosto de v. m. havia de ter por boa fortuna obedecer-lhe; porém que algumas vezes os pretendentes queriam cousas injustas. Respondeu v. m. que não era injusta. Disse eu que bem se sabia, mas que os pretendentes em nada reparavam.

« Tornou v. m. a instar, que em nenhuma cousa se lhe guardava respeito, nem se lhe fazia o gosto, e n'isto tornou a dizer muito na mesma substancia já acima dita. Então disse eu com mais vagar o gosto e mandado de s. m., e o cuidado com que todos andavam de dar contentamento a v. m. pelo que se lhe devia, e por obedecer a s. m., e quem dizia a v. m. outra cousa queria descontental-a, e peccava muito contra o serviço de s. m., e contra o de v. m., e merecia que v. m. lhe désse grave castigo.

« Respondeu v. m. que não merecia castigo quem lhe fallava verdade. Tornei a dizer, que quem fallava d'aquella maneira não fallava verdade.

« Disse v. m. que tinha juizo para conhecer as cousas. Disse eu que bem conheciamos e veneravamos o juizo de v. m., e que com este mesmo devia v. m. considerar, que todos deviam desejar agradar a v. m., pois do contrario não tinham proveito.

« Respondeu v. m., que a queriam desgostar, e que a tratavam como uma negra, e esta palavra (negra) repetiu duas ou tres vezes, e tornou a dizer que parece que de proposito buscavam occasiões para a tratar como a mais vil pessoa.

« N'este passo levantei mais a voz, e disse que com toda a submissão pedia a v. m. perdão, se fosse demasiado em replicas a isto, porquanto me obrigava o zelo do serviço de s. m., o do de v. m. e a honra de minha nação, e não tinha paciencia para ouvir que a nação portugueza queria tratar como negra a sua rainha, e desobedecer a s. m., que não queria outra cousa senão ter a v. m. em toda a veneração; e que em nenhuma parte do mundo eram os reis venerados como em Portugal.

« A isto respondeu [10] v. m. *isso dizem os portuguezes;* e eu respondi *não só o dizem os portuguezes, mas o confessam todas as nações; e nós sabemos muito bem como os reis são tratados em França, Inglaterra, e outras partes da Europa, que ainda que se tratem com grande respeito, não tem comparação com o de Portugal*: e disse que v. m. não sómente era em Portugal respeitada, mas quasi adorada.

« N'este passo [11] se levantou v. m. para se ír para dentro, e eu de joelhos lhe beijei a roupa [12] e lhe tornei a pedir perdão, se fallára demasiado, obrigado de acudir pelas ordens de s. m., e pelo contentamento de v. m., e pela honra da nação portugueza; e que quem informava a v. m. d'aquella maneira era traidor a s. m., e a v. m., e ao reino, e a Deus; e isto ultimo, depois que v. m. se levantou, disse em portuguez, e acrescentei, olhando para as donas de honor e damas que estavam presentes, que suas senhorias como boas testimunhas deviam ajudar-me.

« Acudiu a guarda-maior [13] indo já v. m. recolhendo-se pela porta dentro, e disse que assim era, e que todos o viam e sabiam.

« E D. João de Sousa [14] disse, que assim era, e que havia muito má gente, que persuadiam a v. m. o contrario, muito contra o que convinha a todos. [15]

« No referido póde haver alguma falta, [16] porque é impossivel lembrarem as palavras formaes, mas parece-me que isto é não só a substancia, mas tambem as circunstancias, e cuido que até as mesmas palavras me não esqueceram. V. m. poderá estar melhor lembrada, e me parece que a culpa que n'isto posso ter é andar tão reportado, [17] quando ouvi dizer á

minha rainha que a queriam tratar como uma negra, [18] porque devêra eu logo endoudecer [19] de sentimento.

«Dizem-me que v. m. diz que me mandára calar e eu o não fizera. Affirmo a v. m. com a verdade que lhe devo, e tomo a Deus por testimunha, que não entendi [20] tal cousa, que, se a entendêra, bem deve v. m. conhecer que, só sendo eu doido [21] de pedras, como dizem, pudéra não me calar logo.

«Comtudo, ainda que não tenha culpa, pois não entendi tal mandado de v. m., não deixo de ter a desgraça de o não entender, e de não adivinhar [22] os pensamentos de v. m. para lhe obedecer; e por esta desgraça estou disposto para o castigo [23] que v. m. fôr servida mandar-me dar, conhecendo sempre a justificação das acções de v. m., cuja pessoa Deus nos guarde como havemos mister. Lisboa 27 d'agosto de 1667. — *Antonio de Sousa de Macedo.* [24] »

As observações que penna do partido da rainha, e penna franceza talvez, fez á memoria do secretario d'estado, correspondentes aos reclamos que numerámos no texto, são as seguintes:

1 — « Não parece que o secretario d'estado só soube pela bocca dos outros, ou por uma voz publica, o descontentamento que a rainha tinha contra elle? Não lh'o teria s. m. testimunhado sufficientemente, retirando-se encolerisada, depois de lhe ter inutilmente dito que se calasse, e lhe ter reprehendido a sua insolencia? Não mostrou elle conhecel-o bem, quando perto do seu assento e do seu estrado quiz suscitar entre seus proprios criados uma sedição contra s. m., quando se queixava com tanto furor e menosprezo? Não é ainda mais estranho, que depois d'isto tudo falle o secretario d'estado da indignação da rainha contra elle, como de um pequeno e leve descontentamento? Por estes disfarces tão manifestos se póde julgar da sinceridade que se póde esperar em todo o resto d'este escripto! »

2 — « Se el-rei muda de parecer e chega a sustentar o secretario d'estado contra a rainha, não haverá já duvida d'onde vem esta mudança, e de quem lhe dera volta ao espirito. Se o secretario d'estado queria que a rainha o justificasse, não devia offendel-a mais com a malignidade de que este escripto está cheio contra ella. »

3 — « Com isto acabou de se tornar indigno da clemencia de s. m., de que tanto necessitava. »

4 — « Seria sempre ridiculo e pouco respeitoso ao secretario d'estado offerecer-se para fallar ao rei pela rainha, como se ella o não pudesse fazer por si, ou não lh'o pudesse ordenar se o quizesse. Mas nunca se fallou alli nem no rei nem em nenhuma outra pessoa em geral, mas unica e abertamente no conde de Castelmelhor. É verdade que a rainha lhe chamou sómente conde, mas não póde tomal-o pelo unico conde, unico marquez, unico duque, unico principe em Portugal, como o secretario d'estado o toma pelo rei, e quer fazer crer que a rainha dissera de s. m. quanto ella não dissera senão do conde de Castelmelhor. Vê-se a intenção d'esta gente se pôr sempre no logar de seu amo. Se a rainha tivesse fallado d'el-rei, o que ella nunca fará senão em bem e com todo o respeito e amor que deve, o secretario d'estado não se teria penalisado tanto, pois que o conde e elle são as duas unicas pessoas que tem tido a ousadia de dizer em differentes occasiões á rainha todo o mal que tem podido de um amo a quem devem tantas obrigações. Quando a rainha nomeára sómente o conde, sem nada lhe acrescentar, não temia não ser entendida. É bem sabido que só o conde a despreza e maltrata, e de quem ella se póde queixar é do conde de Castelmelhor. »

5 — « Isto, como muitas outras cousas, não foi inventado senão depois do rompimento, e o secretario d'estado nada disse n'este sentido á rainha; mas isto para nada serve. »

6 — « O secretario d'estado não podia, sem escarnecer da rainha, pedir-lhe que lhe apontasse as occasiões em que lhe tivessem faltado ao respeito. Elle sabe quantas vezes se tem pedido perdão a s. m., e, o que peor é, quantas outras se lhe não tem pedido, e parece que pretendiam que fosse ella que o pedisse, depois de ter sido cruelmente offendida Se o publico não está informado d'isto, é uma prova ou da impotencia ou do captiveiro de s. m., que não póde queixar-se para fóra; ou da sua moderação e da sua bondade, que a obriga a encobrir as faltas que o zelo dos seus fieis subditos talvez castigasse mais prompta e severamente que ella quizera. As cousas, entretanto, não se passaram tão secretamente, que não haja d'ellas muitas testimunhas. O secretario d'estado sabe mui bem a má acção que elle proprio fez á rainha, não ha muito tempo, com uma vergonhosa mentira, e o resentimento que s. m. lhe manifestou por a desafiar a lhe apontar em que lhe tinham faltado ao respeito. »

7 — « Se o secretario d'estado fallasse d'este modo á rainha, poder-lhe-hia s. m. responder, que era bem preciso que ella pudesse regular as despezas da sua casa, já que ella não era senhora e não tocava em nada da receita; que, se havia n'isto desordem, era attribuil-a ao conde, que lhe escolhêra todos os seus officiaes, e á pouca auctoridade que tinha sobre elles, que nada querem fazer sem permissão do conde, e sem ordens suas; que por mais que ella faça, estão seguros em quanto tem apoio: e que quando chegasse a ter a liberdade de tomar quem lhe agradasse para a servir, e de se fazer obedecer, podel-a-hiam censurar então, se não estabelecesse ordem na sua casa. »

8 — « Começam a mudar d'estilo! Quando o secretario d'estado ainda estava a sangue frio, no principio d'este escripto, era a rainha quem interrogava e elle quem respondia. Agora, e na sequencia, é elle que interroga, e a rainha que responde! »

9 — « A volta do duque de Cadaval é uma cousa tão justa, que não ha que duvidar que o rei fosse auctor d'ella; mas nem por isso deviam os ministros deixar de dizer a tal respeito alguma palavra á rainha, que n'isso fallára tantas vezes. »

10 — « Isto é uma falsidade pura, mas cheia de malignidade e digna de punição, que mostra sobretudo o odio do secretario d'estado á rainha, e que dá tambem a s. m. o maior resentimento contra elle. O secretario d'estado bem sabe que n'outras occasiões nunca se pôde persuadir á rainha, que ella não era amada dos seus subditos, quando procuravam fazer-lh'o crer, para a obrigar pelo temor a submetter-se aos que a perseguiam. Se ella não fosse tão querida dos fidalgos e do povo, bem sabe ella que ainda seria mais maltratada que o tem sido em certas occasiões, onde o unico temor tem obrigado a deixal-a em paz. Assim, quando a atormentam e fazem morrer de desgosto no paço, não tem outro lenitivo, nem outra consolação, senão ir receber pela cidade os testimunhos do zelo e da affeição de todo o mundo. »

11 — « Não se póde comprehender aqui como uma joven princeza tivesse podido achar tão máo, que lhe dissessem que era amada e estimada e adorada de todo o mundo, que se retirasse encolerisada para o não ouvir. Se não houvesse outra cousa apparentemente, ella teria escutado isso de boa vontade, e sentiria prazer, ainda mesmo que não fosse tão verdade, quanto a rainha sabe e conhece que o é. »

12 — « O secretario é o primeiro portuguez que ousou pôr mão sobre os nossos reis, e talvez o primeiro que póde fazel-o impunemente. Saiu-se melhor que o que poz a mão sobre a arca santa. Mas ao me-

nos não deve pretender ao mesmo tempo gloria e recompensa.»

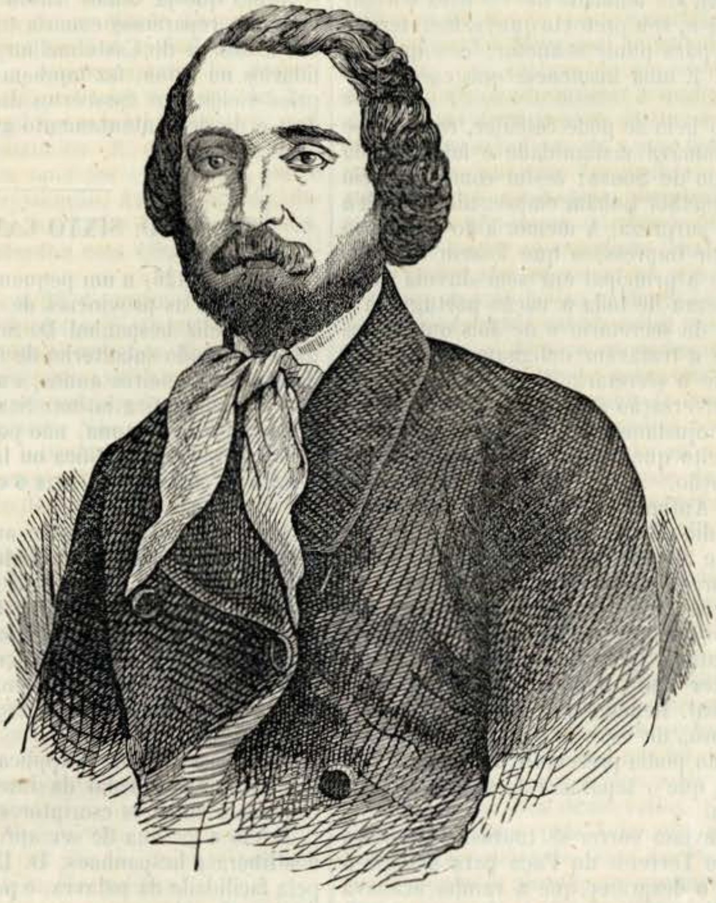
13 — «O secretario d'estado rende aqui á guarda-maior um máo serviço, que ella póde ser que não agradeça.»

14 — «D. João de Souza tem tanto interesse em favorecer o modo de fallar sem respeito e sem commedimento á rainha, que não é para admirar que n'esta occasião se declarasse de tão boa vontade pelo secretario d'estado. A rainha, que sabe qual tem sido o seu respeito e fidelidade pelo fallecido rei, não permitte por agora dizer mais.»

15 — «Se de tantas pessoas que estavam presentes, o secretario só póde apresentar duas que mostraram approvar o seu procedimento, depois que a rainha se retirou; julgue-se por isto dos sentimentos dos outros, de que elle não falla. Esqueceu-se vangloriar-se com certos termos um pouco familiares, com que alguns fidalgos, que não podiam soffrer a indignidade do seu arrebatamento, se explicaram livremente com elle.»

16 — «As faltas d'esta memoria não seriam nada; mas os disfarces continuos e malignos de que este escripto está cheio, são insupportaveis n'um official, que se vê não tivera intenção de se justificar das suas faltas, mas só attribuir faltas á rainha, e fazer-lhe injuria.»

17 — «Não tema o secretario que o suspeitem de se ter contido e moderado muito! Poz n'isso boa ordem pelas extravagancias com que se excedeu, e ninguem que o conheça o absolverá facilmente da falta que se accusa.»



D. Sixto Camara. — Desenho de Nogueira da Silva. — Gravura de Coelho Junior.

18 — «Se a má fortuna dos negros consiste principalmente em não terem nenhum poder na casa em que estão, e não disporem de nada; em serem forçados a soffrer as injurias, mesmo dos outros criados, sem ousarem queixar-se; póde-se julgar sobre o que se passou n'esta occasião, se é justa a queixa da rainha de que algumas pessoas a tratavam como uma negra, ou peor que uma negra.»

19 — «Não é preciso o que succedeu, para que enlouquecesse; mas n'esta occasião confirmou a reputação que tinha adquirido já em tantas outras.»

20 — «Era preciso que o arrebatamento do secretario fosse grande para assim lhe cerrar os ouvidos, que não ouvisse o que a rainha lhe dizia; mas ao menos tinha ouvido bem, que antes a rainha lhe dissera que fallasse mais baixo, como o respeito obrigava. Depois elevando mais a sua voz, respondeu que devia e queria fallar alto. Se não tivesse ouvido a ordem da rainha de se calar e de se retirar, que motivo teria então de se queixar tanto de que a rainha o maltratára, quando queria que todo o mundo o vingasse?»

21 — «Acha-se juntamente no equivoco que aqui ha; e isto que o secretario d'estado quiz dizer é o juizo que todo o mundo faz d'elle.»

22 — «Absolve-se de não ser nem adivinho nem propheta: póde pedir perdão d'outra cousa, e tem feito bastante para não o merecer.»

23 — «Ao mesmo tempo que o secretario d'estado se offerece para receber a punição que a rainha quizer, não ha artificios de que elle e seus bons amigos se não tenham servido para illudir o pedido que

a rainha tinha feito ao rei, e a promessa que elle lhe fizera, de o punir; e ss. mm. d'acordo como estavam para manterem n'esta occasião a sua auctoridade, tem estado a ponto de succumbir ás intrigas, á violencia, e ás artimanhas d'esta caballa.

24 — «O secretario d'estado prestou então n'esta occasião um serviço á rainha, publicando e justificando ao mesmo tempo as queixas que s. m. faz de que algumas pessoas lhe faltam ao respeito, porque se póde julgar por este escripto, que é uma relação fabulosa pela falsidade das ficções, uma pura satyra pela malignidade dos ditos, um libello diffamatorio pela temeridade das maledicencias offensivas, e em fim pelo espirito de sedição que reina em todo elle, que é o mais injurioso manifesto que subdito, mesmo com as armas na mão, fez nunca apparecer contra o seu soberano. Mas a ousadia de o fazer chegar ás mãos da rainha, tal qual está, para tirar d'isso partido; e a de abusar da bondade del-rei para obrigar a rainha a recebel-o, sob pretexto que ss. mm. teriam ainda mais razão para punir o auctor; é o que corôa esta historia! É uma insolencia que excede todas as outras!»

A rainha, como bem se póde calcular, resentiu-se muito do que chamava malignidade e falsidade da relação de Antonio de Sousa; assim como do meio que elle e Castelmelhor tinham empregado para lh'a fazer receber por surpreza. A memoria do secretario procurava produzir impressões que fossem desfavoraveis á rainha, e a principal era sem duvida fazer crer, que ella dissera de toda a nação portugueza o que só tinha dito do secretario e de dois outros dos seus amigos, que a tratavam indignamente e como uma negra; e que o secretario d'estado não a desgostára n'esta conversação senão defendendo a sua nação accusada injustamente, e representando-lhe com calor o respeito que todos lhe tinham, e que ia até quasi á adoração.

A memoria de Antonio de Souza tinha sido entregue á rainha no dia 28 de agosto.

No dia seguinte 29 queixou-se ella ao rei. Excitou-o a que cumprisse a palavra que lhe dera de castigar o secretario d'estado, mas já o não achou disposto a isso. A principio dissera o rei que o queria punir, mas sustentava agora que o não promettêra, e começava a dizer tanto bem do secretario, como d'antes dissera mal. Repetia que era um bom servidor, fiel e zeloso, de espirito vivo, penetrante e applicado; que não podia prescindir d'elle, e não esperasse a rainha, que o separasse de si, e se privasse do seu serviço.

N'esta tarde deviam correr-se touros. Já o povo estava reunido no Terreiro do Paço para assistir á festa. Entretanto o desprazer que a rainha acabava de receber não lhe consentia ír ao espectaculo. O conde, receoso do povo, tinha medo de o fazer sem que ella assistisse. Foi por isso obrigado a differil-o de dia para dia, sobre pretexto de uma falsa doença do rei, o que não impediu que a verdade transpirasse. Para apaziguar o povo e os fidalgos, foi indispensavel, sob color de uma consulta do conselho d'estado, separar o secretario.

O assento do conselho tomado sobre a memoria do secretario, dizia assim:

«Propondo-se aos ministros abaixo assignados a pratica que o secretario d'estado Antonio de Sousa de Macedo teve com a rainha nossa senhora, que consta do papel que o dito secretario deu; e como a dita senhora se affirma em que o secretario lhe perdêra o respeito: pareceu que, não obstante justificar-se o secretario em que seria mal entendido da rainha nossa senhora, pois só teve o zelo de despersuadir s. m. de que a nação portugueza procurava só venerar a s. m., e não tratal-a como refere o papel; deve s. m. mandar que o secretario d'estado se retire fóra da côrte por espaço de dez ou doze dias, e que n'elles venha servir o seu officio Antonio Cavide. E que deve el-rei nosso senhor fazer presente á rainha nossa senhora, que faz esta demonstração só por lhe dar gosto, e que em similhantes occasiões se não empenhe, pelas ruins consequencias que d'ellas podem resultar ao estado das cousas, assim de presente, como para o futuro. Lisboa 31 de agosto 1667. — *Conde de Castelmelhor — Marquez de Sande — Conde de S. Lourenço — Visconde de Lima.*»

Effectivamente no 1.° de setembro constou a separação do secretario. Não era senão expediente para acalmar os animos, sobre tudo o da rainha, que por muitos dias ficou ignorando o espirito e termos do assento que o conselho tomára a tal respeito. A ausencia de facto não devia existir, e, se existisse, não seria de longa duração.

Agora que já vemos Antonio de Souza de Macedo retirado, reparemos como a tempestade rebenta sobre a cabeça de Castelmelhor, e fazendo ambos solidarios na ruina, faz tambem o rei victima dos proprios vicios, dos desacertos dos seus ministros validos, e do descontentamento geral.

JOSÉ DE TORRES.

D. SIXTO CAMARA.

No anno 1826, n'um pequeno povo das margens do Ebro, entre as provincias de Navarra e Rioja, nasceu o infeliz hespanhol D. Sixto Camara. Filho de um empregado subalterno de fazenda, em Logronho, passou os primeiros annos, e aprendeu a ler e escrever, e grammatica latina. Seus paes, que não eram favorecidos da fortuna, não podendo preparal-o para seguir carreira scientifica ou litteraria, quizeram dedical-o ao commercio; mas o caracter do filho rebellou-se contra isso.

Apenas contava dezesete annos quando, pobre e sem protecção, chegou a Madrid. Luctando com mil contrariedades, e com a vida cercada de privações, logrou por fim o prazer que tanto lisonjeia as illusões dos principiantes, publicando e assignando na imprensa periodica alguns escriptos. Assim se fez conhecido no circulo jornalistico, e chegou a ser redactor, inda que sem remuneração, de alguns periodicos litterarios.

A sua assiduidade e applicação ao estudo lhe augmentaram o cabedal da intelligencia, e o fizeram conhecido entre os escriptores matritenses.

Tendo a fortuna de ser apresentado ao patriarcha dos liberaes hespanhoes, D. Lourenço Calvo Mateo, pela facilidade da palavra, e pela vivacidade dos modos, ganhou logo a sua sympathia. Desde então teve no ancião um amigo util, um protector generoso, um segundo pae. A casa de Calvo Mateo era a sua, entre um e outro não havia segredos.

Sixto correspondeu com filial sollicitude ás provas de confiança e amor que d'elle recebia; e acudia com diligencia a todos os negocios, assim politicos como administrativos, do já quebrantado espirito do seu protector. Entretanto, nem por isso deixava de trabalhar por si, seguindo o rumo que a sua estrella lhe traçára. Com mais commodidades e maiores elementos trabalhava com mais e maior luzimento.

Apaixonado das doutrinas de Fourier, defendeu com ardor o socialismo. Com *La Tribuna del Pueblo*, periodico de que já era director no anno 1849, diz-se que fez muitos proselytos á sua causa.

Mal lhe chegou ás mãos a obra de Thiers, *Da propriedade*, escreveu-lhe uma refutação, que intitulou *La Cuestion social*, e que causou admiração.

Desde então o nome de Sixto Camara teve presti-

gio no partido democratico, e suscitou invejas aos contrarios. A sua presença e o seu voto nas reuniões, quer publicas, quer particulares, d'esse partido, eram indispensaveis.

Depois escreveu *El espirito moderno*, ou caracter do movimento philosophico contemporaneo, e *La Guia de la Juventud*, manual de instrucção primaria, com que tornou o seu nome mais popular.

Recebendo o derradeiro alento de D. Lourenço Calvo Mateo, estimado por toda aquella familia, foi-lhe facil conquistar o coração, e desposar, a ainda joven e formosa D. Josepha Gibert, viuva do seu protector.

Como desde o seu casamento até ao anno 1854, a politica em Hespanha seguisse pacificamente, não havia Sixto tido necessidade de esgrimir mais armas que a penna, em defesa das suas opiniões politicas. N'essa epocha viveu por isso em inalteravel felicidade.

No mez de junho d'esse anno, fazia o general O'Donnell soar o clarim da revolução ás portas de Madrid. A agitação, que tanto a capital como toda a Hespanha começou a experimentar, foi recrescendo. Sixto Camara não podia ser o ultimo dos homens politicos que abandonasse o lar domestico, e se consagrasse á lucta patriotica. E, entretanto, nada havia de commum, em opiniões e projectos, entre elle e os caudilhos da revolução. Assim, quando, depois das primeiras jornadas, todos eram vencedores, separou se logo, e sustentou com elles pertinacissima lucta.

Dois mezes depois, em 28 d'agosto, tinha O'Donnell triumphado e era ministro. Sixto suspeitou d'elle, e combateu-o em todos os terrenos. Escreveu primeiro *La Revolucion*, escripto avulso em que traçava um plano de governo democratico, e de que se venderam cem mil exemplares. Não menor numero se consumiu do segundo, intitulado *La Verdad*. Poucos dias depois começou a publicação de *La Soberania Nacional*, periodico democratico, de que até 1857 foi director unico.

Muitas foram as perseguições que padeceu da parte do governo; mas tanto o jornal como o redactor mantiveram-se com denodo. Foi Sixto que levantou pela mão, e poz no melhor logar da redacção da *Soberania*, o joven Emilio Castelar, quando ainda ninguem o conhecia. Diz-se que Castelar o abandonou nos momentos mais criticos, quando Sixto mais carecia da sua cooperação e consolo.

Sustentou polemicas ardentes com outros periodicos, cujas estranhas provocações chegou a lavar com sangue dos detractores.

Publicou a historia do governo, que chamou vergonhoso, de O'Donnell, na ilha de Cuba, e predisse o desenlace d'aquella situação politica.

Do seu partido recebeu uma prova de consideração, sendo eleito por unanimidade capitão da sexta companhia do terceiro batalhão ligeiro, da milicia nacional. O'Donnell procurou meios e pretextos para dissolver aquelle batalhão; mas, apesar de conseguir que se separassem d'elle os dois commandantes e quatro capitães com grande parte da força de suas companhias, sempre o batalhão se sustentou, ficando Sixto como um dos commandantes accidentaes, fazendo-o então brilhar pelo valor e disciplina nas celebres jornadas de julho de 1856, em que Sixto Camara deu provas bem claras do seu arrojo e sangue frio, batendo-se como valente soldado e commandando como habil capitão. Ficando vencido, e não querendo expor-se ás represalias do vencedor, deixou Madrid, dirigindo-se á Andaluzia para reanimar o espirito d'aquelles que ainda esperava encontrar com as armas na mão. Era tarde, porque já lá não existia milicia nacional.

D'esde então não se consagrou menos á sua idéa fixa, que era reconstituir o derrocado edificio da soberania do povo em Hespanha.

Para esse fim preparou uma revolução que devia rebentar em Malaga em novembro de 1856, e que se frustrou por lhe faltarem á ultima hora quasi todos os elementos que se lhe tinham offerecido. Milagrosamente pôde salvar-se emigrando para Gibraltar, onde lhe prohibiam a entrada, que affim conseguiu frustrando a vigilancia da policia ingleza. Alli viveu escondido por espaço de tres mezes, até 5 de fevereiro 1857 em que se embarcou. No dia 7 do mesmo mez chegou a Lisboa.

Perto de dois annos e meio viveu em Portugal, possuido da sua idéa querida. Inda que sempre tratou de occultal-o, sabia-se que soffria privações, mas soffria-as com dignidade, que não era facil conhecer-lh'as. Os amigos que em Hespanha tinha fizeram-lhe offerecimentos, de que nunca acceitou para si cousa alguma. Devorava em silencio a pena que lhe causava a contradicção, e até hostilidade, que lhe fazia o periodico *La Discusion*, intitulado defensor da democracia, que tratava de desacreditar os projectos de Sixto, chegando mesmo á intolerancia de denunciar a saida de Madrid de alguns da sua communhão politica, accusando-os de vistas revolucionarias, denuncias que puzeram em guarda o governo, e o levaram a uma saguinolenta perseguição aos que eram conhecidos por certas opiniões politicas. D'aqui a demora que houve na expedição legal do passaporte que Sixto pedia para regressar ao seio da sua familia.

O que depois da sua saida de Lisboa lhe succedeu é demasiadamente sabido entre nós. Descobertos em Badajoz os fios de uma conspiração que se diz tramava alli e em Olivença, procurou salvar-se ganhando a fronteira de Portugal. O cançaço tomou-o no caminho apressado que seguia; o ca'or abrazava-o; caiu como fulminado, e exhalou o ultimo alento no meio do campo. Se não escapou da morte, salvou-se á horrorosa ignominia do supplicio em que foram acabar o amigo que o acompanhava, e alguns que se descobriram seus cumplices.

Assim acabou um homem que tinha intelligencia, e trabalhava com corajosa obstinação na proclamação e triumpho de uma idéa. Seria ella a melhor á luz da razão e da justiça? Ter-lhe-hia já chegado o tempo de triumphar? Os meios que empregava para o conseguir eram os mais accommodados á epocha, á aspiração, e aos interesses sociaes? Aqui começa o campo que a prudencia nos faz defeso. São assumptos para outro logar e para obra mais larga.

Campeão da idéa democratica, Sixto Camara propugnava tambem pela federação das Hespanhas. A sua ultima publicação, feita em Lisboa antes de partir, expunha a questão, e excitava a solução. Saiu com o titulo de *A União Iberica*, litteralmente traduzida em portuguez pelo bem conhecido e illustrado escriptor Rodrigo Paganino, e precedida de um prologo do nosso distinctissimo ornamento das lettras patrias José Maria Latino Coelho.

Deixou impresso um drama em verso em quatro actos, *Jaime el Barbudo*; e inedita uma obra que váe ao encontro de todas as questões politicas e sociaes da epocha, com o titulo de *Despotismo ou democracia*.

O sr. D. Romualdo de Lafuente, seu companheiro de emigração, que ainda está entre nós, acaba de publicar o retrato de Sixto, com uma poesia dedicada á sua memoria. A obsequiosa coadjuvação do mesmo senhor devemos boa parte dos apontamentos que aqui colligimos.

Diz-se que esse retrato, que se expoz á venda na loja de um livreiro de Hespanha, fôra recolhido e destruido pela auctoridade, e o vendedor punido como por um grande crime: diz-se que a subscripção que os amigos e correligionarios de Sixto empreben-

diam para acudir á sua familia desvalida, fôra prohibida pelo governo!

É levar mui longe o rancor politico. Decididamente a tolerancia parece incompativel com os governos de Hespanha.



Praça real de Bruxellas.

Nada ha superior, nem ao menos comparavel, entre as praças de Bruxellas, á praça real. Foi construida, mais os edificios que a circundam, em 1774, sobre planos de Guymard, reproduzindo exactamente as disposições da praça real de Reims. Muitos soberanos, entre elles o rei dos Paizes-Baixos, Guilherme I, e o rei Leopoldo, foram alli proclamados, o primeiro em 1815, sobre um estrado levantado contra a columnada que fecha a praça pelo lado do sul; o segundo, em 21 de julho 1831, sobre um estrado encostado á egreja de S. Jacques-sur-Coudenberg.

Em frente d'esta egreja, houve outr'ora uma estatua de bronze de Carlos de Lorena, consagrada a este bom principe, pelos estados do Brabante, e apeada em 1794 pelos republicanos francezes.

No mesmo sitio se levantou uma estatua equestre de Godefredo de Bouillon, fundida de bronze, em Paris, nas officinas de Soyer, conforme o admiravel modelo executado por Eugenio Simonis. O chefe da primeira cruzada está representado, tendo na mão um estandarte, levantando olhos ao ceo, cujo favor parece implorar para o seu exercito. Tão bella peça de esculptura foi inaugurada em 15 de agosto 1848.

DENTES DE SANTA APOLLONIA.

Na cidade de Alexandria, sua patria, padeceu esta gloriosa virgem o martyrio pela fé de Christo, no anno 248 da nossa era, segundo se lê no *Martyrologio Romano*, a 9 de fevereiro. Os algozes, depois de lhe arrancarem todos os dentes, com estupenda barbaridade, accenderam uma grande fogueira, onde determinavam lançal-a, se não cedesse ás instantes exhortações que lhe faziam, para renegar a lei que professava. Mas a santa, com animo resoluto, preveniu os seus intentos, arrojando-se ella propria por acto voluntario sobre as chammas, deixando a tyrannia estupefacta e assombrada (como é de crer) ao testimunhar tão varonil constancia em peito feminino! O seu corpo em breve ficou reduzido a cinzas. Isso não obstou, comtudo, a que muitas egrejas de Roma, Napoles, Paris, Madrid, e outros logares da christandade, se não jactassem pelo tempo adiante, de possuir reliquias suas; avultando, entre estas, os dentes, mediante cuja applicação se operava grande numero de curas milagrosas; porque a santa ficou sendo, como todos sabem, advogada contra a odontalgia.

O santo Padre Pio VI, no fim do seculo passado, teve noticia de que andava por toda a Italia espalhada uma innumeravel profusão de dentes de santa Apollonia, dos quaes a esperteza de alguns tirava partido para lograr a credulidade de muitos. Quiz pôr termo a este negocio, e ordenou, que sem detença nem excepção, fossem remettidos a Roma, para serem ahi examinados, todos os dentes da santa, ou que por taes se apregoavam, em qualquer parte onde estivessem.

Foram cumpridas as ordens do supremo pastor, e começaram a affluir as remessas enviadas pelos bispos das diversas dioceses; é facil de imaginar, com que custo os devotos possuidores de tão preciosas reliquias consentiriam em affastal-as de si, ficando privados do maravilhoso refugio, e na incerteza de as perderem para sempre!

Os dentes, á medida que chegavam, íam sendo cuidadosamente arrecadados: encheram a final um pequeno cofre, deputado para recebel-os, que tinha de ambito pouco menos de uma quarta de alqueire da nossa medida usual! Sua Santidade, maravilhado, sem duvida, de ver tão abundante colheita, que excedia de certo a sua espectativa, não quiz dar-se ao trabalho de discriminar as falsas das verdadeiras reliquias, e mandou lançar no fundo do Tibre o cofre, com todo o seu conteudo.

Apesar d'este destroço, crê-se que ainda escaparam alguns milhares de dentes da gloriosa santa, os quaes, comparaveis em certo modo aos da serpente de Cadmo, continuam a produzir outros, e a operar milagrosos effeitos nos individuos que, com fé viva, procuram n'elles a cura dos seus dolorosissimos achaques.

I.

CHARADA.

Não ha sem elle existencia, — 1
Dá-se para ser casado; — 1
É dito por um a muitos,
N'um logar mui respeitado.

D. MARIA T. DA CUNHA.

RESOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 3.

Reduz-se evidentemente a achar cinco numeros inteiros e positivos, que satisfaçam á seguinte equação...................... $u+v+x+y+z=30,000$, e que além d'isto façam inteiras e positivas as seguintes fracções:

$$\frac{u-1}{2}=a,\quad \frac{v-2}{3}=b,\quad \frac{x-3}{4}=c,\quad \frac{y-7}{8}=d,$$

$$\frac{z-9}{10}=e.$$

Estas expressões, sendo tratadas pela analyse indeterminada do 1.º grão, dão

$u=$	401......	portuguezes.
$v=$	6722......	hespanhoes.
$x=$	8003......	francezes.
$y=$	6055......	inglezes.
$z=$	8819......	allemães.
$u+v+x+y+z=$	30000......	homens.

Explicação do enigma do numero antecedente.

O tempo nunca descança.

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4 F.